

A aprendizagem da docência do professor indígena terena

The teaching learning of the Terena teacher

Marta Regina Brostolin*

Resumo: As pesquisas sobre a docência acentuaram-se a partir da década de 80. A atual conjuntura social encontra-se num momento paradoxal, pois se pede aos professores para tornarem-se profissionais num cenário em que o profissionalismo, a formação profissional e as profissões de modo geral atravessam um período de crise profunda. Se esta é a realidade encontrada no contexto da sociedade e educação vigente, como se situa neste cenário o professor indígena? Que lugar ele ocupa na sua comunidade em termos de significância social? Qual o papel da educação nos projetos de autonomia e sustentabilidade de seu povo? Que proposta deve permear o trabalho realizado na escola indígena? Quais saberes deve possuir para realizar o fazer docente? Considerando essas questões, o presente texto se propõe a refletir sobre a aprendizagem da docência do professor indígena Terena. A relevância social do estudo se expressou no fato de pretender, de forma inédita, atender à necessidade de se conhecer/levantar características importantes para a compreensão do povo Terena, assim como a transposição/interpretação de seus saberes para materiais didático-pedagógicos, facilitando a inserção de temáticas indígenas nos currículos de suas escolas. Outro fator significativo e decisivo para a realização do estudo residiu na participação dos professores no processo investigativo de levantamento dos dados à formalização e análise a partir de uma experiência de produção de material didático bilíngue a ser utilizado pelos alunos do ensino fundamental da Escola Alexina Rosa Figueiredo, localizada na Aldeia Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, MS.

Palavras chave: Professor indígena terena; Aprendizagem da docência; Formação para pesquisa.

Abstract: Research into teaching, teacher training the decade of the 80. The present social context is at a paradoxical moment as the teachers are expected to become professionals in a scenario in which professionalism, professional training and professions generally are going through a period of profound crisis. If this is the case found in the context of present society and education, how does the indigenous

* Pedagoga, Mestre em Educação e Doutorado em área interdisciplinar - Desenvolvimento Local pela Universidade Complutense de Madri/Espanha. Atua na Universidade Católica Dom Bosco como docente na graduação e pós-graduação em Educação/Mestrado e Doutorado. Coordena o GEPDI - Grupo de Estudos e Pesquisa da Docência na Infância. E-mail: brosto@ucdb.br

teacher place himself in this scenario? What place does he take in his community in terms of social significance? What is the role of education in the projects of autonomy and sustainability? What proposal should permeate the work carried out in the indigenous school? What knowledge should the teacher have to carry out the action of teaching? Considering this controversial situation, the text in hand seeks to reflect on the meaning of learning in the teaching of the Terena indigenous teacher. The social relevance of the study is expressed in the intention, in an unprecedented way, to attend to the necessity of knowing and bringing out the important characteristics for the understanding of the Terena people, as well as the transposition and interpretation of their knowledge to didactic-pedagogical materials, facilitating the insertion of indigenous themes into the school curriculum. Another significant and decisive factor for the carrying out of the study is to be found in the participation of the teachers as researchers and authors in the investigation process of presenting data for formalization and analysis as of the production of bilingual didactic material to be used by the pupils of fundamental schooling in the Alexina Rosa Figueiredo School, located in the Buriti Village, in the municipality of Dois Irmãos do Buriti, Mato Grosso do Sul. **Key words:** Terena indigenous teacher; Teaching learning; Studies education.

Introdução

As pesquisas sobre a docência acentuaram-se a partir da década de 80, associadas às reformas implantadas na educação básica em diversos países da Europa e América frente à crise educacional que atinge principalmente os professores. As condições de trabalho docente e a situação da carreira de magistério fomentam as discussões a partir do aviltamento salarial e a participação cada vez menor na execução do seu próprio trabalho revelando a existência de um crescente processo de proletarização (Diniz-Pereira, 2011). Atualmente, a discussão se volta para a elevação do ensino à categoria de uma ocupação mais respeitada e mais bem remunerada.

Nessa discussão, encontram-se críticas contra a formação universitária, dominada por culturas disciplinares, em sua maioria monodisciplinares, que nem sempre são capazes de proporcionar uma formação assentada na realidade do mundo do trabalho profissional, sendo o pano de fundo do movimento da profissionalização do ensino e da formação para o magistério, a crise a respeito do valor dos saberes profissionais, da formação, da ética e da confiança do público nas profissões e profissionais (Tardif, 2000).

Portanto a atual conjuntura social encontra-se num momento paradoxal, pois se pede aos professores para tornarem-se profissionais num cenário em que o profissionalismo, a formação profissional e as profissões de modo geral atravessam um período de crise profunda. Se esta é a realidade encontrada no contexto da sociedade e educação vigente, como se situa neste cenário o professor indígena? Que lugar ele ocupa na sua comunidade em termos de

significância social? Qual o papel da educação nos projetos de autonomia e sustentabilidade de seu povo? Que proposta deve permear o trabalho realizado na escola indígena? Quais saberes deve possuir para realizar o fazer docente? Contemplando essas questões, este texto se propõe a refletir sobre a aprendizagem da docência do professor indígena Terena a partir da pesquisa formação e experiência de produção de material didático bilíngue.

Este texto configura-se como um recorte do trabalho realizado pelo projeto de pesquisa denominado de *Memória, sentidos e percepção dos Terena da Aldeia Buriti: subsídios para a construção de uma proposta de etnoeducação*, desenvolvido no período de 2008 a 2010, por um grupo de pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) – e a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). O estudo estava vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas/UCDB (NEPPI/UCDB) e Programa de Iniciação Científica (PIBIC), contando com recursos financeiros da UCDB e FUNDECT/MS.

O projeto teve por objetivo levantar aspectos próprios da cultura terena, por meio de uma investigação interdisciplinar e interinstitucional. A meta principal foi averiguar as múltiplas formas de manifestações de compreensão do mundo vivido e seus significados no âmbito da escola indígena terena. A proposta se estruturou em três eixos principais: a memória Terena e os processos de territorialização; os Terena e a percepção de ambiente e natureza e os sentidos do aprender dos Terena.

A relevância científica e social do estudo se expressou no fato de pretender, de forma inédita, atender à necessidade de se conhecer/levantar características importantes para a compreensão do povo Terena, assim como a transposição/interpretação de seus saberes para materiais didático-pedagógicos, facilitando a inserção de temáticas indígenas nos currículos de suas escolas.

Outro fator significativo e decisivo para a realização do estudo residiu na participação dos professores indígenas como pesquisadores e autores no processo investigativo de levantamento dos dados à formalização e análise que resultou na coletânea *Os Terena da Aldeia Buriti: saberes e fazeres*. A finalidade do material didático é subsidiar o ensino e a aprendizagem dos alunos do ensino fundamental da Escola Alexina Rosa Figueiredo, localizada na Aldeia Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, MS, contribuindo assim para a construção de uma proposta de educação bilíngue e diferenciada.

O contexto da pesquisa: os Terena da Aldeia Buriti

A aldeia Buriti é a maior das nove aldeias localizadas na Terra Indígena Buriti, da etnia terena. Da área total de 2.090 hectares, ocupa aproximadamente 800 hectares, com 848 moradores. A organização social na Aldeia Buriti

estrutura-se em troncos familiares divididos em 12 vilas, onde cada vila tem o seu líder e, junto com o cacique, formam o Conselho Tribal da aldeia.

As atividades de pesca, caça e artesanato são praticamente inexistentes na aldeia Buriti devido à escassez de recursos naturais e falta de matéria prima. Ainda existe a fabricação de colares e cocares com materiais alternativos, mas estes são para uso dos próprios indígenas nos dias de festas. Tradicionalmente, são reconhecidos como exímios agricultores, centrando na produção agrícola sua atividade econômica, mas esta não é suficiente para a manutenção e subsistência das famílias e, por isso, muitos índios precisam trabalhar nos frigoríficos, fazendas e usinas da região. Alguns conseguem emprego na própria aldeia como professores, merendeiras ou em serviços gerais na escola, no posto de saúde. Participam também dos programas do governo recebendo cestas básicas, aposentadoria e bolsa escola, que ajudam na complementação da renda.

Predomina na aldeia a religião católica, apesar de existirem outras práticas religiosas e, por isso, a religiosidade tradicional apresenta dificuldades em formar novos líderes espirituais. A interferência religiosa do não índio promoveu mudanças também nas festas e comemorações que acontecem na aldeia. A festa católica de São Sebastião é realizada em comemoração ao santo padroeiro da aldeia. A comunidade inteira se mobiliza na organização dessa festa, por ser uma promessa que passa de geração a geração, para agradecer ao santo que livrou e protegeu os habitantes de uma peste na década de 40 do século passado.

Antes de iniciar a educação das crianças na escola, a família participa ativamente na educação social e moral. O fazer, o brincar e o viver são ações presentes no cotidiano da infância terena. A liberdade do ir e vir e estar junto para a criança indígena é importante, porque através da experiência adquirida por essa liberdade, as noções sociais e morais serão construídas ao longo da vida.

Cruz (2009, p. 146), em seu trabalho, destaca como o Terena percebe a criança:

Geralmente, o indígena considera cada criança um espírito único, com seus talentos próprios a oferecer ao seu grupo. Para os Terena da Buriti as crianças são seres muito especiais, oferecem carinho e atenção que favorece a possibilidade de se constituírem em autoconfiança.

Para a família Terena, a educação é primordial na vida das crianças, e todos os seus integrantes colaboram mantendo o diálogo sempre. As correções são feitas por meio de longas conversas, e o uso da força jamais é usado. Para o Terena, o “ouvir para aprender” é constante na educação, e ouvir os mais experientes é fundamental para a aprendizagem.

A manutenção da língua materna é articulada com a escola e a família, deixar desaparecer a cultura terena e impossibilitar as crianças de aprenderem

essa cultura é a maior preocupação da família. Hoje, a língua terena está inserida na educação escolar, e seu aprendizado é tão importante quanto o da língua portuguesa.

Na Aldeia Buriti, a educação escolar não é um processo recente, surgiu de modo informal nos últimos anos do século XIX, a partir de 1887, e foi formalizada entre os anos 1935 a 1940, quando surgiu a primeira escola na aldeia com o nome de XV de Novembro, criada pelo SPI. A escola, hoje denominada de Alexina Rosa Figueiredo, atende em torno de 350 alunos, da pré-escola ao ensino médio, no período diurno, e turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), no noturno. O corpo docente e administrativo é formado por 23 professores indígenas, a maioria com formação em nível superior.

O método: a pesquisa formação como espaço de aprendizagem da docência

Para Porto (2004), o termo formação segundo os significados encontrados no Dicionário Caldas Aulete (1985) refere-se à ação e efeito de formar: constituição, caráter, ato de tomar forma, desenvolver-se, ideias que mantêm uma relação com um estado de incompletude. Nessa perspectiva, associa-se o conceito de formação de professores à ideia de inconclusão do homem, identificando a formação com percurso, processo, trajetória de vida pessoal e profissional, que implica opções, remete à necessidade de construção de patamares cada vez mais avançados de saber-ser, saber-fazer, fazendo-se. Portanto, a partir dessa lógica, relaciona-se a formação de professores com o desenvolvimento pessoal – produzir a vida e com o desenvolvimento profissional – produzir a profissão docente (Nóvoa, 1995).

Entende-se, então, que a formação acontece de forma indissociável à experiência de vida, é um processo que não se finaliza com a formação inicial, ao contrário, a formação continuada impõe-se como indispensável, e as práticas profissionais se tornam o terreno da formação, ou seja, a formação se dá na relação com a prática, momentos interdependentes e intercomunicantes de um mesmo processo, alterando a perspectiva da formação: o fazer, entendido como atividade alheia à experiência e ao conhecimento do professor, cede lugar ao saber reflexivo, entendido como autoformação, percurso que ocorre na indissociabilidade da teoria-prática, condição fundante da construção de novos conhecimentos e de novas práticas-reflexivas, inovadoras e autônomas (Porto, 2004).

Portanto os processos de formação estão relacionados ao que saber, por que saber e aos modos de saber na relação entre as pessoas, considerando as expressões das culturas locais, os saberes que cotidianamente são produzidos nas práticas educativas por aqueles que as fazem.

Para Leitão (2004), os espaços educativos devem favorecer a vivência e o aprendizado da diversidade. No convívio com as diferenças, as práticas coletivas, solidárias e fraternas, possibilitam o exercício da reflexão, da discussão. Se o que dá sentido à busca é a possibilidade de encontro, e entendendo a educação como um espaço que permite o encontro, essas questões precisam ser discutidas coletivamente para que possam de fato contribuir para o alargamento do que somos e do que sabemos, diminuindo nossa ignorância a respeito daquilo que desconhecemos e nos enriquecendo nesse encontro com os outros, outros que também somos nós.

A partir dessa perspectiva, o desafio consiste em se fazer fazendo, e esse desafio foi enfrentado pelos professores indígenas Terena ao constituírem um grupo colaborativo que buscou, junto aos idosos da Aldeia Buriti, a memória histórica de seu povo, seus saberes e fazeres, refletindo sobre essa trajetória coletivamente, considerando que é a partir do Ethos Terena, pautado na identidade e cultura, que se constituirão os saberes profissionais necessários a construção de uma educação diferenciada ancorada no diálogo intercultural.

O professor terena e a aprendizagem da docência: uma experiência de produção de material didático bilíngue

Acredita-se que o distanciamento entre o currículo escolar e as práticas educativas na aldeia pode ser diminuído se o papel dos professores indígenas for reforçado e respaldado como instrumento da comunidade. Rubinstein (2003, p. 54), em análise à questão afirma “se na escola moderna cabia apenas ao mestre a transmissão, na escola contemporânea cabe também ao mestre instigar seus alunos para que reflitam e reconstruam a tradição cultural”.

Nessa perspectiva, percebe-se uma grande diferença entre a forma como os indígenas concebem a educação, a escola e o professor. A educação tornou-se, nos últimos tempos, um elemento chave para a concretização dos projetos de autonomia e sustentabilidade dos povos indígenas, principalmente os que estão no entorno dos centros urbanos como os Terena. A educação básica se faz presente nas aldeias do Estado, e a demanda pelo ensino superior que até meados do início deste século era insignificante, hoje é visível, aumentando a cada ano/semestre o ingresso e, atualmente, estudam em torno de 700 acadêmicos indígenas nas diversas IES do Estado de Mato Grosso do Sul¹.

O corpo pedagógico e administrativo das escolas nas aldeias Terena é formado em sua maioria por professores indígenas com nível superior. Esses professores, diferentemente da realidade da sociedade do entorno, gozam de uma posição de destaque social, sendo respeitados e considerados líderes perante a

¹ Do Banco de dados do Programa Rede de Saberes/NEPPI/UCDB, 2011.

comunidade. O depoimento do Professor Gerson Pinto Alves, diretor da Escola Alexina Rosa Figuieredo, evidencia a valorização, a expectativa depositada pela comunidade no trabalho dos professores e escola no sentido de educar seus filhos para que possam enfrentar os desafios de uma sociedade globalizada.

Bom, diria que para ser diretor numa escola indígena é exigido da pessoa do professor um desdobramento pelo fato de que, uma vez que ele assume a função de diretor, ele passa não só a cuidar da escola, de seu projeto político pedagógico, da parte burocrática, mas também compete a ele contribuir com a comunidade sendo necessário desempenhar um papel onde a equipe de professores e os próprios alunos possam compreender que cada um deve cumprir seu papel; na verdade, compreender o projeto da escola né [...] então para mim que estou há quase oito meses no cargo está sendo um desafio compreender, mas eu penso que tenho buscado melhorar o projeto político pedagógica e colocar em prática o projeto da escola, tentando fazer com que os professores compreendam a meta da escola, fazer com que o aluno possa ser de fato um aluno crítico, um aluno que possa depois estar compreendendo o mundo lá de fora [...] estamos numa escola diferente, trabalhamos alguns conteúdos diferentes, mas que, em hipótese alguma, deixamos de mostrar pros nossos alunos o mundo em que nós estamos vivendo.

As palavras do Professor Gerson traduzem o pensamento atual indígena que acredita na educação como um dos elementos chave para a promoção do desenvolvimento e autonomia de seus projetos de emancipação social. Os Terena buscam, por meio da educação superior, a capacitação para gerenciar seus territórios e os desafios de um novo cenário de interdependência com o Estado e a sociedade (Brostolin; Cruz, 2010).

Na escola da Aldeia Buriti, durante o período de 2008 a 2010, os professores, após a realização de várias atividades, como capacitações, reuniões de planejamento, estudo e muita discussão, reformularam seu projeto político-pedagógico no propósito de concretizar uma proposta pedagógica ancorada na interculturalidade e de estabelecer o diálogo entre os saberes indígenas e o conhecimento universal.

Ao pensar o currículo escolar, os professores indígenas tinham em vista não apenas uma oferta a mais de conteúdos, habilidades e valores, pois uma coisa é oferecer informação, outra é gerar conhecimento. Concordam com a perspectiva de Candau (2006) que o conhecimento é sempre uma ordenação de conteúdos, habilidades e valores que faz sentido num determinado contexto. Portanto a tarefa educativa numa perspectiva intercultural não é a de reproduzir o já encontrado, senão a de fazer viável que os sujeitos possam intervir livre e autonomamente em seu entorno sociocultural, e não serem determinados livremente por ele.

Nesse intuito, os professores indígenas participaram da pesquisa realizando um levantamento da memória histórica dos saberes e fazeres dos

Terena junto às pessoas mais idosas da aldeia. As entrevistas foram realizadas entre o período de julho de 2009 e maio de 2010, e transcritas por eles no formato de textos manuscritos. Cabia aos pesquisadores não indígenas orientar metodologicamente e acompanhar o trabalho por meio de encontros mensais realizados na escola da aldeia, momento em que os textos com os achados da pesquisa eram socializados, analisados e discutidos, com a finalidade de todos se apropriarem do conhecimento tradicional reavivado e de pensar, planejar o projeto gráfico e didático do material em construção.

Os alunos da escola também foram envolvidos no processo de investigação junto com a comunidade. Em muitas ocasiões, saíram com os professores para visitar as pessoas idosas portadoras da memória histórica do povo terena e, sentados embaixo de frondosos pés de Manga, escutavam e aprendiam com os relatos durante as entrevistas. Participaram também na elaboração da coletânea por meio da ilustração dos textos com desenhos desenvolvidos em oficinas organizadas pelos professores terena.

O processo de organização, formatação e adequação didática exigiu muitos encontros entre o grupo de pesquisadores indígenas e não indígenas. Foram meses de trabalho, inclusive em dias de feriado e fins de semana, com muita reflexão e discussão até chegar-se ao produto final, ou seja, a coletânea bilíngue que apresenta os *Saberes e Fazeres dos Terena da Aldeia Buriti* destinada aos alunos do Ensino Fundamental da escola indígena.

O lançamento oficial e entrega dos 500 exemplares da coletânea aconteceu em 9 de abril de 2011, num evento festivo organizado pela direção e professores com a presença dos pesquisadores, lideranças, técnicos da Secretaria de Educação de Dois Irmãos do Buriti, pais, alunos e comunidade em geral da Aldeia Buriti.

Os depoimentos abaixo ressaltam a importância do trabalho realizado e a contribuição da coletânea para a concretização da proposta de educação intercultural, sendo esta uma primeira experiência de elaboração de material didático bilíngue neste formato entre os Terena.

Os velhos estão morrendo, e nós estamos incentivando agora as crianças a valorizar os mais velhos; agora nós estamos trabalhando assim tipo... nesse bimestre que passou a trabalhar bastante com a oralidade com as crianças pequenas, falando na língua só para eles gravarem na memória; mas os pais não falam mais a língua, a criança sente dificuldade e já esquece o que falou na sala de aula (Profa. Edineide – Aldeia Buriti). É preciso usar a educação indígena para ensinar e estimular os jovens a participarem mais da preservação da cultura. A escola indígena tem como papel fundamental manter viva a nossa identidade e ampliar a nossa cultura tradicional. É possível manter a cultura, mesmo com a proximidade da cidade. Nossa cultura esta aí viva. Como, hoje em dia, ações importantes da aldeia estão morrendo juntamente com os idosos,

os donos das tradições, a gente pensou: por que a gente não faz um registro da nossa cultura? (Prof. Ramão – Aldeia Buriti)

Os livros dizem que o purutuye é o povo brasileiro. Mas, antigamente, os Terena não conheciam o povo brasileiro. É por isso que eu falo na escola que a gente tem que recuperar a nossa história Terena antes do contato com os purutytes, e depois começamos a viver misturado no meio deles, esquecemos a nossa cultura e a nossa língua materna; agora que estamos tentando fazer a comunidade falar a língua, começamos com as crianças na sala, e começamos fazer um encontro com os papais e as mães para que falem em terena, conversem em terena nos encontros, para a gente criar o hábito de falar a nossa língua, estamos confiante que vai dar certo (Prof. Noel – Aldeia Buriti).

Acredita-se que propostas como essas possibilitam a escola abrir espaços no currículo para colocar em prática seus saberes culturais despontando assim um novo cenário para a escola indígena que, aos poucos, se constrói, pautada na interculturalidade, buscando conciliar as especificidades de sua realidade com as concepções universais, revivendo e fortalecendo sua identidade e autonomia.

No diálogo intercultural proporcionado por experiências como a descrita anteriormente, o professor indígena Terena busca ampliar seus saberes profissionais. O mundo indígena pratica a educação comunitária através de experiências solidárias, compartilhando saberes e habilidades, perante olhares e ouvidos atentos dos demais. Trata-se de uma pedagogia que faz da experiência de ensinar e das aprendizagens a ação dialógica de apropriação de saberes.

Segundo Munoz (2003), uma das características significativas da experiência educativa indígena está na interação entre a pessoa que aprende e a que ensina na comunidade. Nessa convivência educadora, não é comum que se façam perguntas. Aprende-se olhando fazer. Não se ensina explicando, a ação não está no verbo, mas no ato, na manifestação. Essa forma de ensinar provém da tradição, da aprendizagem oral, que não se exercita em práticas de pensamento dialético, mas em práticas de ação dialética. No mundo comunitário se aprende e se ensina fazendo.

Neste processo, o professor terena constrói sua identidade e saberes numa lógica em que o ensinar é um exercício de capacidade que permite ir através da vida com sentido comunitário. Para o professor indígena, o ensinar é a habilidade para apropriar-se de saberes com base nos quais se conforma a ética da pessoa, de respeito e o recurso às práticas. Saber ensinar compromete a percepção e as emoções, a sensibilidade e os dons.

Na comunidade de tradição oral, as situações para ensinar surgem de diversas experiências que são provas de memória e saber. A cada etapa da vida correspondem determinados saberes, ao mesmo tempo que todos se identificam desde a infância com saberes próprios do seu costume. Ser em

comunidade implica transcorrer fazendo a vida, aprendendo, experimentando. Aprender fazendo é um exercício dialético que antecede o passo de ensinar fazendo. A experiência de um pertence a todos, que esperam a transmissão através de comportamentos, práticas compartilhadas de trabalho ou expressões comunitárias de diversas índoles (Munoz, 2003).

Nesta perspectiva, o professor indígena traz conhecimentos que foram adquiridos através do tempo, isto é, provêm de sua própria história de vida e, sobretudo, de sua história de vida escolar, o que é confirmado por Tardif (2000) ao afirmar que os saberes profissionais dos professores são temporais e se manifestam através de uma bagagem pautada em conhecimentos, crenças, representações e de certezas sobre a prática docente.

O autor evidencia ainda que os saberes profissionais são plurais e heterogêneos, eles provêm de diversas fontes. Na pedagogia Terena, a vida que os indígenas reconhecem na natureza é tão diversa como a humanidade mesma; nela identificam formas de representação e sentido com as quais a humanidade indígena interatua. Da convivência surgem situações de aprendizagem e intercâmbio.

Para Munoz (2003) essa percepção holística, saber-se pertencente e enraizado, potencializa a dignidade indígena com que se resiste e sobrevive em sociedades tão racistas e retrógradas, como as ocidentalizadas. Graças a essa filosofia impregnada de natureza e memória mítica, a comunidade indígena é ensinada na paciência e na resistência “passiva” (que não é precisamente inativa, mas paciente pela sabedoria, como estratégia de saber esperar), na pobreza material e econômica.

Tardif (2000) afirma ainda que, em seu trabalho, o professor se serve de sua cultura pessoal, de sua cultura escolar, se apoia também em conhecimentos universitários, assim como certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos da formação. Entretanto esses saberes não formam um repertório de conhecimentos unificados em torno de uma concepção de ensino, mas sim são ecléticos e sincréticos, pois se voltam para diferentes objetivos que estão a serviço da ação.

Para o autor, os saberes profissionais são personalizados e situados, o professor está presente no local de trabalho e sua pessoa constitui um elemento fundamental na realização do processo de trabalho em interação com outras pessoas. Diferentemente dos conhecimentos universitários, os saberes profissionais não são construídos e utilizados em função de seu potencial de transferência e de generalização, eles estão encravados, embutidos, encerrados em uma situação de trabalho particular.

Portanto, na concepção do professor indígena, o aprender se produz como resposta a um requerimento concreto ante a necessidade de resolver (para o trabalho) e com base em uma ética e saber próprio. Sustenta-se na

pedagogia, naquilo que ainda não foi vivido como experiência pedagógica e que se transforma em aprendizagem (Munoz, 2003).

Nesse contexto, os professores indígenas passam a assumir a responsabilidade de ser o sujeito que transita em dois mundos, o do indígena e o do não indígena, desafiando-se a encontrar e manter o equilíbrio desse complexo processo de inter-relação entre as diferentes culturas e interesses. Mediar as bases da educação indígena como o tratamento que dedicam às crianças, como as corrigem e o valor da oralidade e do aprender com as exigências do mundo globalizado, a rotina da escola e os seus conteúdos é um desafio para esses professores.

Considerações Finais

Independente da sociedade e cultura, o objeto de trabalho do docente são seres humanos e, por conseguinte, os saberes dos professores carregam as marcas do ser humano – o fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho docente. É ela que orienta a existência, no professor, de uma disposição para conhecer e compreender o aluno pautada em um componente ético e emocional (Tardif, 2000).

Nesse processo, os professores procuram compreender aspectos relacionados com a subjetividade, não estão apenas envolvidos com os conteúdos acadêmicos, não tendo olhos para enxergar os alunos, mas os percebem como sujeitos da aprendizagem que, pelo falar, silenciar, não prestar atenção, sinalizam quais são as possíveis representações relacionais que explicam suas atitudes frente ao conhecimento.

É nesse universo que se insere o professor indígena Terena, que, por meio de sua trajetória e história de vida, constrói os saberes que darão suporte a sua prática profissional, ou seja, o seu fazer docente. Desenvolvem um saber experiencial que Tardif (2000), entende por epistemologia da prática profissional, ou seja, o estudo do conjunto dos saberes utilizados realmente pelos profissionais em seu espaço de trabalho cotidiano para desempenhar todas as suas tarefas.

Para o autor, a noção de saber tem um sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades e as atitudes, ou seja, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser, sendo a finalidade da epistemologia da prática revelar esses saberes, compreender como se integram à tarefa do professor e como este o incorpora, produz, transforma, utiliza e aplica em suas atividades profissionais.

Tardif (2000) ainda chama a atenção para não se confundir os saberes profissionais com os conhecimentos transmitidos no âmbito da formação

universitária, pois a prática profissional nunca é espaço de aplicação e, sim, na melhor das hipóteses um processo de filtração que os dilui e os transforma em função das exigências do trabalho.

Para o professor indígena esse processo de filtração é transpassado por uma outra lógica, por processos próprios de aprendizagem que se pautam numa tradição oral e no aprender olhando, sentindo, tocando, fazendo, com o outro, com os outros, com a natureza, com o cosmo.

Portanto, ao participar do processo de pesquisa de formação, o professor Terena reavivou a memória histórica cultural de seu povo, neste caso, os Terena da Aldeia Buriti, redescobrando saberes e fazeres de seus antepassados que favoreceram seu aprendizado e de seus alunos, e a resignificação da cultura e identidade Terena. Dessa forma, incorporou esses conhecimentos aos seus saberes e fazeres profissionais, tornando a sala de aula e a escola indígena espaços de diálogo que se abrem à palavra, aos saberes, aos valores e às formas de vida, tornando possível que os alunos se expressem a partir de suas próprias crenças, visões e expectativas no futuro de um projeto de autonomia e sustentabilidade para o povo indígena.

Referências

BROSTOLIN, Marta. *El papel da educación en programas de desarrollo local en poblaciones indígenas*. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Local) – Universidade Complutense de Madri, 2005.

BROSTOLIN, Marta Regina; CRUZ, Simone de Figueiredo. Estilos de Aprendizagem e de ensinagem na escola indígena Terena. *Revista Construção Psicopedagógica*, São Paulo, v. 17, n. 14, p. 24-43, 2009.

_____. Educação e sustentabilidade: o porvir dos povos indígenas no ensino superior em Mato Grosso do Sul. *Revista Interações*, Campo Grande, MS, v. 11, n. 1, jan./jun. 2010.

CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação intercultural e cotidiano escolar*. Rio de Janeiro: Letras, 2006.

CONTRERAS, José. *Autonomia dos professores*. São Paulo: Cortez, 2002.

CRUZ, Simone de Figueiredo. *A criança Terena: o diálogo entre a educação indígena e a educação escolar na aldeia Buriti*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2009.

DINIZ-PEREIRA, Julio Emílio. O ovo ou a galinha: a crise da profissão docente e a aparente falta de perspectiva para a educação brasileira. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 92, n. 230, p. 34-51, jan./abr. 2011.

GAUTHIER, C. et al. Utilização das pesquisas sobre a determinação de um repertório de conhecimentos de ensino. In: _____. *Por uma teoria da Pedagogia*. Ijuí: Unijuí, 1998, p. 281-317.

LEITÃO, Cleide Figueiredo. Buscando caminhos nos processos de formação/auto-formação. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 25-39, 2004.

MUÑOZ, Maritza Gómez. Saber indígena e meio ambiente: experiências de aprendizagem comunitária. In: LEFF, Henrique. *A complexidade ambiental*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 282-323.

NÓVOA, António (Coord.). *Os professores e a sua formação*. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote, 1995.

PORTO, Yeda da Silva. Formação Continuada: a prática pedagógica recorrente. In: MARIN, Alda Junqueira. *Educação Continuada*. São Paulo: Papyrus, 2004.

PUNTES, Roberto Valdés et al. *Profissionalização dos professores: conhecimentos, saberes e competências necessárias à docência*. *Educação em Revista*, Curitiba, n. 34, p. 169-184, 2009.

RUBINSTEIN, Edith R. *O estilo de aprendizagem e a queixa escolar: entre o saber e o conhecer*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SHULMAN Lee S. Profesorado. *Revista de Currículum y Formación del Profesorado*, Granada, v. 9, n. 2, p. 2-30, 2005.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação*, Belo Horizonte, n. 13, p. 5-24, 2000.

Recebido em 25 de julho de 2012

Aprovado para publicação em 8 de setembro de 2012

